



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**Linguística Aplicada e Pós-humanismo: reflexões sobre o *status*
do inglês numa era ciborguiana**

Breno Mendes da Silva Santos

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II**

**Linguística Aplicada e Pós-humanismo: reflexões sobre o *status*
do inglês numa era ciborguiana**

Breno Mendes da Silva Santos

Artigo apresentado como requisito para a conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a orientação da Profª. Dra. Ana Karina de Oliveira Nascimento.

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2024

1 INTRODUÇÃO

A partir do meu interesse, tanto por questões filosóficas quanto pelos recentes avanços tecnológicos, logo me deparei com o termo: pós-humano. A curiosidade sobre do que se tratava o tema me levou a pesquisas e leituras, nas quais descobri a relação do pós-humano com a figura do ciborgue. Ao refletir a respeito, as primeiras referências que lembrei se relacionaram a representações feitas em desenhos animados, quadrinhos e filmes. Contudo, com o intuito de não permanecer no senso comum, resolvi aprofundar meus estudos sobre o assunto. Ao pesquisar a etimologia da palavra *cyborg*, em inglês, descobri que se trata da união das palavras: *cybernetic* + *organism* (Ferrando, 2017). Sendo assim, pode-se dizer que um ciborgue é a junção de um organismo (orgânico, humano) com o cibernético (máquina, não-humano), geralmente para melhorar seu desempenho, ou até mesmo para sobrevivência (Ferrando, 2017).

Como consequência dessas pesquisas iniciais, deparei-me com a seguinte questão: será a figura de um ciborgue o que mais se aproxima da ideia do pós-humano? A partir deste, outros questionamentos surgem, especialmente ao pensar nas representações artísticas e cinematográficas de um ciborgue, que em sua grande maioria apresentam a figura de um ser humanoide, com partes não-humanas (metais, fios, máquina). A partir daí me ocorrem as questões: ainda assim, podemos considerá-lo humano? O que define um ser humano? Para ser considerado humano, é preciso ter todos os seus membros (orgânicos) em perfeito estado? Acredito que ao lembrarmos das pessoas com deficiência (PCD), responderemos prontamente que não - apesar das contradições, como as condições frustrantes que os indivíduos PCD são obrigados a enfrentar pela falta de acessibilidade ao seu redor.

Seguindo com os questionamentos, também me perguntei: existe um modelo do que é ser humano? Para seguir o modelo do que é o humano, faz-se necessário não utilizar artefato tecnológico algum para melhorar seu desempenho? Pessoas com deficiência locomotiva fazem uso de cadeiras de rodas e pessoas com deficiência visual utilizam óculos de grau ou lentes de contato. Isso lhes torna menos humanos? Indo para além das deficiências, também me perguntei: para ser visto como humano, é necessário fazer parte de um grupo étnico específico? Estas perguntas me levaram à suposta figura do pós-humano e ao pós-humanismo, um amplo e diversificado campo de estudos - com o qual passei a me identificar -, que em algumas de suas vertentes, são questionados e desafiados os pressupostos da centralidade do humano, proveniente do modelo cultural do humanismo europeu (Takaki, 2019), do dualismo e do antropocentrismo. Para o pós-humanismo a

clássica definição do ser humano, que tem como modelo o Homem Vitruviano, de Leonardo Da Vinci, é questionada e desconstruída. Pois, se existe um padrão que define quem é humano, aqueles que não se encaixam nesse padrão, o que são?

É provável, então, que o termo ciborgue desperte à memória do(a) leitor(a), referências cinematográficas hollywoodianas como RoboCop, Exterminador do Futuro, Inspetor Bugiganga, entre outros(as). Apesar destes personagens serem referências fidedignas ao termo, este trabalho não visa explorar o terreno da ficção científica, para além da mera ilustração. Na verdade, a inspiração para explorar a ideia do ciborgue vem do texto: *A Cyborg Manifesto* (Haraway, 2016 [1985]), um ensaio que traz à discussão acadêmica, a figura do ciborgue como uma metáfora, sobre o momento de transição para uma nova era, que se inicia no final do século XX (dos anos 80 aos anos 2000), causado pela revolução tecnológica e digital. Haraway (2016 [1985]) discute que, a fronteira entre o humano e o não-humano sempre foi “borrada”, mas a partir desse período (final do século XX), os avanços tecnológicos resultariam em profundos rearranjos nas relações sociais, políticas e de poder, além de mudanças nas concepções de identidade, de gênero e de humano. Uma das mudanças mencionadas pela mesma autora é o da transição de uma sociedade industrial para uma sociedade informacional, em que o mercado digital - denominado por ela como informática da dominação - torna-se predominante. O ciborgue, neste mito, “é um tipo de eu pós-moderno, coletivo e pessoal, desmontado e remontado” (Haraway, 2016 [1985], p. 33, tradução minha)¹. Quase que profeticamente, a autora prevê o que chama de um mundo de ciborgues, período em que as fronteiras entre humano e não-humano, ou orgânico e cibernético, seriam desconstruídas.

E o que essa discussão tem a ver com a língua inglesa e com a linguística aplicada? A ideia de um mundo de ciborgues, me fez refletir sobre questões voltadas à língua falada pelos tais ciborgues. São os ciborgues falantes de uma língua em comum? Uma ligeira associação entre língua e tecnologia me veio como resultado automático a língua inglesa, devido à sua predominância no meio digital. Contudo, qual o papel da língua inglesa na era dos ciborgues? A partir do contexto da globalização e do *status* que o inglês carrega de língua franca, será que podemos classificá-lo como língua ciborguiana? E o que significa ser uma língua ciborguiana? Significa ser simplesmente o código linguístico dominante durante a era dos ciborgues?

¹ “The cyborg is a kind of disassembled and reassembled, postmodern collective and personal self.” (Haraway, 2016 [1985], p. 33).

Segundo Haraway (2016 [1985], p. 14, tradução minha)² “o mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades”. Pensar na possibilidade de uma língua ciborguiana, me ocorre a necessidade de que ela possua características semelhantes às do mito do ciborgue. Portanto, uma língua ciborguiana deve ser uma língua que transgrida, ou tenha o potencial de transgredir fronteiras. Logo, como professor de língua inglesa em formação e pesquisador no campo da linguística aplicada, me interessa saber qual é o papel desempenhado pelo inglês, neste período histórico que alguns chamam de era digital (Gómez, 2015) e que neste texto eu me refiro como, a era dos ciborgues.

Portanto, me proponho a escrever um artigo que tem o intuito de analisar o *status* do inglês como língua franca numa era ciborguiana relacionado-o com a linguística aplicada e com o pós-humanismo.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL:

- Considerando a Linguística Aplicada e os estudos de pós-humanismo, analisar o *status* do inglês como língua franca na era ciborguiana.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Identificar a contemporaneidade como era ciborguiana.
- Averiguar se o *status* de língua franca e o seu domínio no âmbito digital pode caracterizar o inglês como língua ciborguiana.
- Relacionar a linguística aplicada com o pós-humanismo.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, descrevo o percurso metodológico adotado para a realização desta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, por procurar compreender e descrever os fenômenos sociais propostos; de cunho teórico, utilizando o levantamento bibliográfico e a análise crítica de textos já publicados sobre as temáticas; de natureza básica, pois visa ampliar o conhecimento científico sobre o tema apontado. Por fim, no tocante às fontes de

² “So my cyborg myth is about transgressed boundaries, potent fusions, and dangerous possibilities”. (Haraway, 2016 [1985], p. 14).

informação, configura-se como pesquisa secundária, pois utiliza conteúdo de pesquisas já publicadas (Paiva, 2019).

Para o desenvolvimento da pesquisa, inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico na seguinte plataforma de bases de dados acadêmicos: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes³. As buscas foram conduzidas utilizando palavras-chave relevantes, como “ciborgue”, “pós-humanismo”, “linguística aplicada”, “inglês” e “língua franca”, sendo “pós-humanismo e “inglês” as que considero principais, pois foram as únicas que me trouxeram algum resultado na pesquisa. Dentre as dissertações e teses encontradas na plataforma, num total de 48 trabalhos, poucas tinham no título e em seus resumos alguma conexão com o tema desta pesquisa, portanto decidi selecionar filtros de pesquisa que pudessem alinhar as palavras-chave com a grande área de conhecimento “linguística, letras e artes”. Após o filtro de pesquisa ter sido selecionado, apenas uma dissertação e uma tese restaram e apenas um deles foi selecionado com base em critérios de relevância para o tema da pesquisa, que procura compreender o *status* do inglês em uma era ciborguiana a partir das perspectivas da linguística aplicada e do pós-humanismo. O texto em questão, que se trata de uma tese de doutorado que aborda uma perspectiva pós-humanista em um curso de inglês, foi o que mais se aproximou do tema deste artigo. O texto selecionado foi submetido a uma análise crítica. Foram identificados os principais conceitos, ideias e argumentos relacionados à temática de pesquisa. A partir dessa análise, os conteúdos foram separados em categorias e temas relevantes. O resultado da análise foi organizado em um fichamento, de modo a permitir a identificação das relações entre os diferentes conceitos e abordagens, para assim proporcionar uma melhor compreensão, e faz parte da discussão apresentada na seção de análise deste artigo.

Tendo como base a metodologia adotada, foi possível perceber que a relação entre o *status* da língua inglesa como língua franca e o pós-humanismo, feita neste artigo, possui pouca produção, considerando os resultados obtidos no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, e assim entendendo que há necessidade de um maior aprofundamento no tema. A tese selecionada, foi a única encontrada na plataforma, que relaciona o pós-humanismo e a língua inglesa. Embora tenha encontrado em seu escopo teórico, citações e referências que colaboram com os objetivos deste artigo, o foco da tese selecionada está numa discussão sobre a perspectiva pós-humanista dentro da sala de aula, no ensino de língua inglesa. Portanto, este artigo é pioneiro na investigação sobre o *status* da língua inglesa, como língua

³ Disponível em: [Catálogo de Teses & Dissertações](#)

franca, numa era ciborguiana através de perspectivas pós-humanistas e da linguística aplicada. Concluo, portanto, que há muito mais a se explorar nessa área de pesquisa.

Figura 1 - Plataforma Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, com as palavras-chave “pós-humanismo” e inglês” no campo de busca



Fonte: [Catálogo de Teses & Dissertações](#)

Figura 3 - Resultado da Pesquisa, utilizando o filtro Grande Área Conhecimento: LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES



Fonte: [Catálogo de Teses & Dissertações](#)

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Pós-humanismo

Meu embasamento teórico sobre o pós-humanismo vem da interpretação de que o mesmo é um movimento que também pode ser definido como pós-antropocentrismo ou pós-dualismo, que parte do pressuposto de que não existe uma noção singular do que é o humano, mas existem múltiplos ou variados tipos de humano(s) (Ferrando, 2017). Logo, este não pode ser simplificado ou generalizado, pois a ideia de pluralidade está intrinsecamente ligada à ideia de ser(eres) humano(s).

Quando levamos em conta questões como classe, gênero, nacionalidade, etnia etc., inúmeras possibilidades aparecem. Essa reflexão também nos leva ao fato de que historicamente nem todos os diferentes grupos de humanos têm sido tratados como tais, mas sim como sub-humanos ou como seres inferiores (Ferrando, 2017). Para o movimento Humanista Antropocêntrico, que tem como modelo o Homem Vitruviano, de Leonardo Da Vinci, a perspectiva adotada é limitante e excludente, aquele que é considerado humano é o homem branco, europeu, educado, heterossexual e rico (Leffa, 2022).

Diante das limitações da visão tradicional e restritiva do humano, o conceito de pós-humano surge como uma possível alternativa. Isso leva ao surgimento de diferentes campos de estudo que buscam explorar suas implicações e possibilidades. O pós-humanismo e o transumanismo são dois desses campos, cada um com suas próprias vertentes. O pós-humanismo, por exemplo, é dividido em perspectivas cultural, crítica e filosófica, enquanto o transumanismo inclui correntes como o transumanismo democrático, libertário, a singularidade e o extropianismo (Ferrando, 2017).

Essas subdivisões exploram diferentes aspectos da interação entre humanos e tecnologias, e examinam como essas relações podem mudar nossa compreensão de identidade e existência. Assim, pode-se dizer que existem pós-humanismo(s) e transumanismo(s), pois, não são um único movimento, mas vários que compartilham algumas noções sobre o pós-humano e de que o humano é uma “noção aberta” (Ferrando, 2017).

Contudo, acredito que o foco principal deste trabalho seja o pós-humanismo crítico e filosófico, que também pode ser associado ao pós-antropocentrismo e pós-dualismo. Diferentemente do transumanismo - que tem sua origem no Iluminismo com uma noção de progresso e aprimoramento humano -, o pós-humanismo tem em sua genealogia filosófica

uma origem que pode ser traçada como advinda do movimento pós-moderno⁴ (Ferrando, 2017), que também trata o humano não como uma noção única, mas plural, em que a ideia excludente e eurocêntrica do que é o ser humano é desconstruída por diferentes linhas de pensamento

4.2 Ciborguianismo e tecnologias - Somos todos ciborgues.

Segundo Leffa (2022) a ciborguização ou ciborguianismo é uma simbiose ou fusão entre humanos e máquinas, pela necessidade de ultrapassar ou ampliar os limites dos nossos corpos. Contudo, a ideia de máquina pode nos confundir e fazer-nos pensar que estamos literalmente falando de um aparelho feito de metal, talvez com algum revestimento de plástico, que funciona à base de energia elétrica ou combustão. Já quando falamos de tecnologias, é possível ir um pouco mais além nessa interpretação.

Desde a existência de intra-ações (Barad, 2007)⁵ do homem com o planeta e seus elementos - como o fogo, seja para iluminação, para aquecer-se durante frio, ou para preparar alimentos -, a figura não-humana tem participado da história contada pela humanidade. Embora essa relação pareça ser mais exploratória do que colaborativa, há uma contínua dependência dos seres humanos em buscar meios para superar suas limitações.

Animais como o cavalo, o cão e o corvo, são utilizados pelo humano como meios para se transportar, proteger e enviar mensagens, respectivamente; matérias-primas como a madeira, os metais, as pedras, ou os minerais, são extraídos e utilizados para produzir objetos como o papel, a tinta, ou até mesmo gerar energia, para construir barcos, casas, prédios, carros, foguetes, computadores, celulares, microchips e até mesmo a inteligência artificial. Todas essas tecnologias exercem um papel fundamental na história, em sua intra-ação (Barad, 2007) com o ser humano, embora este se coloque no papel de protagonista.

O que dizer então dos desenhos rupestres, da escrita e do texto impresso? E a fala? São essas habilidades naturais do ser humano, ou são habilidades artificiais? Para Santaella (2007, p. 135), a fala foi a primeira tecnologia:

Embora sob o disfarce insuspeito da naturalidade, a primeira tecnologia

⁴ Movimento cultural e filosófico que questiona as narrativas universais da modernidade (iluminismo), com ênfase no relativismo, na fragmentação e na intertextualidade, desafiando convenções sobre a razão e promovendo perspectivas múltiplas.

⁵ “Diferente da noção de interação, que pressupõe indivíduos separados, cada um com suas próprias características e limites, a noção de intra-ação reconhece o processo de coconstituição ontológica dos seres. (Barad, 2007). Isso implica a compreensão de que nos tornamos quem/o que somos nas relações estabelecidas com outras entidades humanas e não humanas.” (Sousa, 2022, p. glossário, tradução minha).

simbólica está no nosso próprio corpo: a tecnologia da fala. Certo estava Freud ao constatar, depois da virada dos anos 1920, que o ser falante é um animal desnaturalizado. A fala nos arranca do mundo natural e nos coloca, sem retorno possível, no artifício. Falar não é natural. Natural é sugar, chupar, comer, respirar. Falar, cantar, beijar, chorar e rir são funções inseparáveis de um mesmo artifício, o artifício da maquinaria simbólica que está instalada em nosso próprio corpo. Dessa primeira maquinaria, de cuja fabricação não participamos, pois ela foi paradoxalmente instalada em nós pela natureza, todas as outras maquinarias, técnicas, artifícios ou tecnologias são prolongamentos, conforme venho argumentando há alguns anos.

Considerando as palavras de Santaella (2007), se o humano possui em seu próprio corpo uma tecnologia, tecnologia essa que serve como meio para vencer o obstáculo da inabilidade de se comunicar em seus primeiros anos de vida, o que é este ser, se não, na verdade, um ciborgue? No mínimo, um ser paradoxal. Ainda conforme a mesma autora, "o humano se constituiu como tal, um ser paradoxal, natural e artificial ao mesmo tempo, pois a fala que faz do humano o que ele é, desnaturaliza-o, coloca-o, de saída, fora da natureza." (Santaella, 2007, p. 134).

Sendo assim, o homem se constitui como um ser ligado às entidades externas, para tornar sua vida mais simples e prática. Não é de se admirar a crescente conexão do ser humano com artefatos tecnológicos e com a tamanha evolução das tecnologias, que se acentua no fim do século XX e segue desenfreada neste início do século XXI. Evoluções e conexões estas que evidenciam a contemporaneidade como a era dos ciborgues, conforme apontar Haraway (2016 [1985]).

4.3 Linguística aplicada

Trago neste trabalho uma argumentação baseada na linguística aplicada feita no Brasil, cujo foco é problematizar os impactos da linguagem nos mais diversos assuntos que permeiam a vida em sociedade (Jordão, 2021). É de suma importância destacar, que esta é a prática da linguística aplicada feita no Brasil, um país do Sul Global, que tem a língua portuguesa como língua mãe.

No caso da linguística aplicada feita no Brasil, mais especificamente, a interface com outras disciplinas mostra a importância de considerar os pesquisadores como os seres humanos que são, como uma parte integral do processo de produção de conhecimento. Isto significa trazer o corpo de volta à pesquisa, o que também tem sido referido como tornar o lócus de enunciação explícito. O lócus de enunciação é definido como "o lugar geopolítico e político-corporal do sujeito que fala" (16 - p. 213), e como tal,

tem grande importância tanto na produção quanto na recepção do que é dito ou do conhecimento que está sendo produzido. (Jordão, 2021, p. 17, tradução minha)⁶

Portanto, este é um estudo que considera os aspectos sociais e as dimensões espaciais e corporais da linguagem e não apenas aspectos estruturais ou cognitivos; que não procura desconsiderar o pesquisador e seu lócus de enunciação, mas sim fazer ecoar sua importância como parte da pesquisa. Assim, também apresento a visão elaborada por Pennycook (2020, p. 187, tradução minha)⁷ de que a linguística aplicada e o pós-humanismo “fazem parte do mesmo projeto”.

As linhas de pensamento pós-humanistas possuem grandes implicações para a linguística aplicada, não apenas como amplo pano de fundo contra o qual precisamos entender o uso da língua na vida contemporânea - fluxos crescentes de pessoas causados por guerras, degradação ambiental e empobrecimento contínuo da maior parte do mundo - mas também em termos de como entendemos cognição, contexto e comunicação. Uma vez que consideramos que a única maneira séria de estudar língua e cognição é etnograficamente (HUTCHINS, 1995), e uma vez que começamos a considerar o social, espacial e dimensões incorporadas do aprendizado de línguas, uma compreensão do desenvolvimento da segunda língua como um processo distribuído começa a abrir um leque de novas possibilidades para pensar sobre o que são o aprendizado e o ensino de línguas. (Pennycook, 2020, p. 183, tradução minha)⁸

Como explicado por Pennycook (2020), uma vez que a linguística aplicada leva em consideração os aspectos externos da linguagem para sua aquisição e para a comunicação, como as dimensões espaciais e sociais, além dos estudos sobre a semiótica e eu adiciono: a dimensão cultural e os artefatos que estão a nosso dispor para tal, nos alinhamos com o pensamento pós-humanista, que procura descentralizar o humano e tirá-lo do seu

⁶ "In the case of applied linguistics made in Brasil, more specifically, the interface with other disciplines has shown the importance of considering researchers as the human beings they are, as an integral part of the processes of knowledge production. This has meant to bring the body back to research, what has also been referred to as to make the locus of enunciation explicit. The locus of enunciation has been defined as “the geo-political and body-political location of the subject that speaks” (16 - p. 213), and as such it matters a great deal both in the production and reception of what is said or of what knowledge is being produced." (Jordão, 2021, p. 17)

⁷ “For me, they are part of the same project”. (Pennycook, 2020, p. 187).

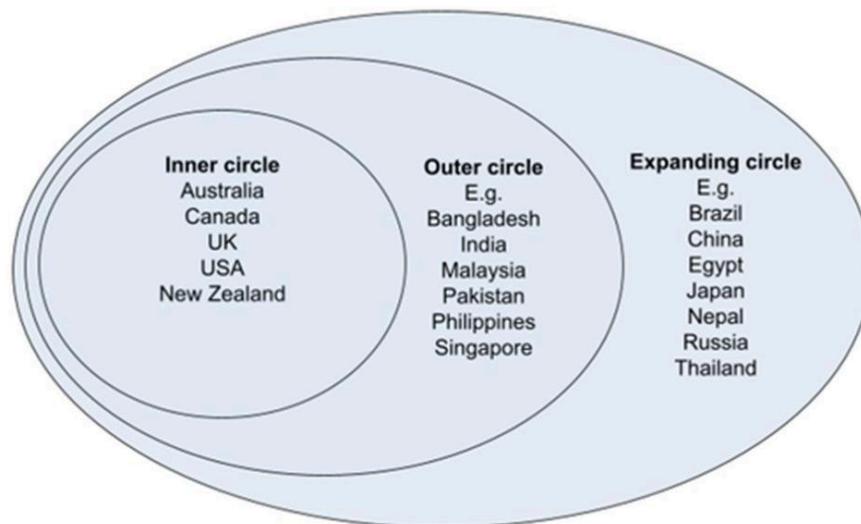
⁸ "Posthumanist lines of thinking have major implications for applied linguistics, not only as a broad background against which we need to understand language use in contemporary life – increased flows of people caused by wars, environmental degradation and the continued impoverishment of the majority world – but also in terms of how we understand cognition, context and communication. Once we consider that the only serious way to study language and cognition is ethnographically (HUTCHINS, 1995), and once we start to consider the social, spatial and embodied dimensions of language learning, an understanding of second language development as a distributed process starts to open up a range of new possibilities for thinking about what language learning and teaching are about." (Pennycook, 2020, p. 183)

autoproclamado papel de protagonista nas intra-ações (Barad, 2007) com o planeta, abrindo espaço para uma relação entre os dois campos de estudo e possibilitando uma linguística aplicada pós-humanista.

4.4 O *status* do inglês como Língua Franca

O *status* de língua franca dá à língua inglesa o poder de ser “a língua de escolha comum, entre falantes que vêm de diferentes origens linguísticas e culturais”⁹. (Jenkins, 2009, p. 200, tradução minha)⁹. Ao considerar questões como *World Englishes*, e os 3 círculos concêntricos de Kachru (1985), é notório o crescimento do *Expanding Circle*, no século XXI, que considera onde a língua inglesa é utilizada como língua estrangeira. Essa constatação é impulsionada pela conexão em massa, via internet, que reúne pessoas de todos os cantos do planeta, nas mesmas plataformas digitais. Pessoas essas que compartilham a necessidade de interagir e por vezes encontram na língua inglesa o meio para fazê-lo. A ilustração abaixo representa os 3 círculos concêntricos de Kachru, para melhor compreensão do leitor.

Figura 4 - Os 3 círculos concêntricos de Kachru



Fonte: [StudySmarter](#)

⁹ “the common language of choice, among speakers who come from different linguacultural backgrounds”. (Jenkins, 2009, p. 200).

Entretanto, a escolha de utilizar a língua inglesa para se comunicar com o mundo, pouco tem a ver com um suposto livre arbítrio dos falantes não nativos, e sim com uma necessidade imposta às nações, por meio da dominância socioeconômica-cultural dos países que tem a língua inglesa como primeira língua e empregam uma política colonial e imperialista.

Quando trago o termo falante não nativo, não tenho o objetivo de trazer a ideia de que há um falante nativo “ideal”, ou que determinado grupo seja considerado dono da língua inglesa, simplesmente por tê-la como língua materna. Também não tenho o intuito de desconsiderar o pensamento de Schmitz (2016), para quem, os conceitos de *native speaker* são ultrapassados e servem bem ao gigante mercado de ensino de línguas (Schmitz, 2016). Na verdade, compartilho esta ideia a partir do argumento de Crystal (2003) de que uma consequência de uma língua se tornar global, é de que todos que a aprendem a possuem.

Se o inglês é sua língua materna, talvez você tenha uma mistura de sentimentos sobre como o inglês está se espalhando pelo mundo. Talvez você sinta orgulho por sua língua ter tido tanto sucesso; mas o seu orgulho pode ser tingido de preocupação, quando percebe que as pessoas em outros países podem não querer usar a língua da mesma maneira que você, e estão mudando-a para se adequarem a ela. Somos todos sensíveis à forma como outras pessoas usam (ou como frequentemente é dito, abusam) da “nossa” língua. Sentimentos profundos de propriedade começam a ser questionados. Na verdade, se há uma consequência previsível de uma língua se tornar uma língua global, é que ninguém mais a possui. Ou melhor, todos os que a aprenderam agora a possuem – “tem uma parte nela” talvez seja mais preciso – e têm o direito de usá-la da maneira que quiserem (Crystal, 2003, p. 2-3, tradução minha).¹⁰

Retomando à questão da imposição da língua inglesa, como língua a ser utilizada em um contexto global, especialmente no campo da ciência, Hamel (2007) trata da mudança hierárquica que ocorreu na virada do século, na escrita acadêmica.

No contexto das mudanças dinâmicas no multilinguismo global, a atual comunicação internacional e nacional na ciência pode ser enquadrada num modelo de conflito sociolinguístico, de relações assimétricas e de mudança

¹⁰ “If English is your mother tongue, you may have mixed feelings about the way English is spreading around the world. You may feel pride, that your language is the one which has been so successful; but your pride may be tinged with concern, when you realize that people in other countries may not want to use the language in the same way that you do, and are changing it to suit themselves. We are all sensitive to the way other people use (it is often said, abuse) ‘our’ language. Deeply held feelings of ownership begin to be questioned. Indeed, if there is one predictable consequence of a language becoming a global language, it is that nobody owns it any more. Or rather, everyone who has learned it now owns it – ‘has a share in it’ might be more accurate – and has the right to use it in the way they want.” (Crystal, 2003, p. 2-3).

entre línguas, em níveis específicos de uma hierarquia que representa relações de poder diferenciadas no campo da ciência. De Swaan (1993, 2001) concebeu um modelo hierárquico do sistema mundial global como uma galáxia de línguas: o inglês é hoje a única língua globalmente dominante, a língua “hiper central” do mundo. No segundo nível encontramos menos de uma dúzia de línguas “supercentrais”, entre as quais o francês, o espanhol, o russo, o chinês, o japonês, o árabe, o hindí, o alemão e o português. Muitos deles representam línguas de antigos impérios coloniais ou regionais e são falados em mais de um país. O terceiro nível é ocupado por aproximadamente uma centena de línguas “centrais”, muitas vezes línguas nacionais ou regionais, mas com pouca, ou nenhuma difusão internacional. (Hamel, 2007, p. 54, tradução minha)¹¹.

Esse resultado, no entanto, não se resume ao meio científico. Partindo do contexto brasileiro, diariamente, recebemos ou somos induzidos a interagir com algum tipo de conteúdo em inglês, mesmo vivendo em um país onde esta não é a primeira ou mesmo segunda língua. Tal fato mostra como a língua inglesa está em todos os lugares, devido ao seu domínio na suposta hierarquia das línguas. “Para muitos, não há alternativa ao monopólio do inglês na comunicação internacional” (Hamel, 2007, p. 61, tradução minha)¹². E isso ocorre por diversos fatores. Trago como exemplo, um acontecimento recente, dentro da comunidade - da qual faço parte - de jogadores de *Role Playing Game* (RPG)¹³ e *Trading Card Games* (TCG)¹⁴, mais especificamente, jogadores de *Dungeons and Dragons* e *Magic: The Gathering*. No dia 22 de fevereiro deste ano (2024), os jogadores receberam o comunicado que a empresa, *Wizards of the Coast* (HASBRO), dona dos jogos, decidiu interromper a produção dos produtos em português e em chinês (simplificado).¹⁵ A empresa alega que os produtos nesses idiomas “não acompanharam os custos cada vez maiores”, indo na contramão das vendas do mesmo em inglês. Assim, jogadores de países como o Brasil e a China não terão mais o “privilegio” de ter as novas edições e produtos dos jogos mencionados, em seu idioma nativo. Brasileiros e chineses que decidirem continuar

¹¹ "In the context of dynamic changes in global multilingualism, present day international and national communication in science can be framed within a sociolinguistic conflict model of asymmetric relationships and shift between languages on specific levels of a hierarchy that represent differentiated power relations in the field of science. De Swaan (1993, 2001) designed a hierarchical model of the global world system as a galaxy of languages: English is today's sole globally dominant language, the “hypercentral” language of the world. On the second level we find less than a dozen “supercentral” languages among which are French, Spanish, Russian, Chinese, Japanese, Arabic, Hindi, German and Portuguese. Many of them represent languages of former colonial or regional empires and are spoken in more than one country. The third level is occupied by approximately a hundred “central” languages, often national or significant regional languages with little or no international diffusion." (Hamel, 2007, p. 54).

¹² “For many, therefore, there is no alternative to the English monopoly in international communication”. (Hamel, 2007, p. 61).

¹³ Disponível em: [RPG \(Role-Playing Game\). O que é e como funciona o RPG](#)

¹⁴ Disponível em: [O que é TCG? Descubra suas Origens e Jogos Principais!](#)

¹⁵ Disponível em: [Alterações nos idiomas de produtos de Magic em 2024](#) e [Wizards of the Coast deixará de publicar D&D e Magic no Brasil! - Joga o D20](#)

consumindo o produto, terão de fazê-lo em algum outro idioma, sendo o principal, o inglês. O exemplo que apresentei acima mostra que em termos de lucro, no sistema capitalista, existem línguas que são mais “valiosas” do que outras. Novamente, com o inglês sendo a de maior valor dentre as demais, nessa hierarquia.

A reflexão sobre essa hierarquia linguística, me traz a memória o que Haraway (2016 [1985]) apresenta sobre possuir o domínio da escrita, em específico na poesia, em histórias sobre mulheres de cor. A autora apresenta o contexto das disputas em torno dos significados, que em uma era pós-moderna, procura desconstruir o falocentrismo do ocidente. Segundo a autora, "As histórias feministas sobre ciborgues têm a tarefa de recodificar a comunicação e a inteligência a fim de subverter o comando e o controle." (Haraway, 2016 [1985], p. 56, tradução minha)¹⁶.

Eu comparo a ideia de subverter o comando e o controle da comunicação e da inteligência, com o aprendizado da língua inglesa por falantes estrangeiros. Considero que para falantes não-nativos, aprender a língua inglesa é semelhante ao que Haraway (2016 [1985], p. 56, tradução minha)¹⁷ chama de “violação de domínio da língua do conquistador”, quando fala sobre a escrita de Moraga (1983).

A escrita de Moraga, sua alfabetização magnífica, é apresentada em sua poesia como o mesmo tipo de violação de Malinche pelo domínio da língua do conquistador - uma violação, uma produção ilegítima, que permite a sobrevivência. A linguagem de Moraga não é “inteira”; ela é autoconscientemente emendada, uma quimera feita da junção de inglês e espanhol, as línguas dos conquistadores. Mas é esse monstro quimérico, sem nenhuma reivindicação de uma língua original, que molda as identidades eróticas, competentes, potentes, das mulheres de cor. (Haraway, 2016 [1985], p. 56, tradução minha)¹⁸

Este comentário sobre a linguagem da escritora chicana exemplifica como dominar a língua dos conquistadores - a língua inglesa -, pode ser vista como ilegítima, como uma violação, mas se faz necessária para a sobrevivência de falantes não-nativos. Consequentemente, o aprendizado do inglês - carregado de diferentes sotaques e características locais - por falantes estrangeiros, que fazem parte do *expanding circle*, muitas

¹⁶ “Feminist cyborg stories have the task of recoding communication and intelligence to subvert command and control”. (Haraway, 2016 [1985], p. 56).

¹⁷ “the same kind of violation as Malinche’s mastery of the conqueror’s language”. (Haraway, 2016 [1985], p. 56).

¹⁸ “Moraga’s writing, her superb literacy, is presented in her poetry as the same kind of violation as Malinche’s mastery of the conqueror’s language—a violation, an illegitimate production, that allows survival. Moraga’s language is not “whole”; it is self-consciously spliced, a chimera of English and Spanish, both conquerors’ languages. But it is this chimeric monster, without claim to an original language before violation, that crafts the erotic, competent, potent identities of women of color”. (Haraway, 2016 [1985], p. 56).

vezes é visto como uma transgressão. Transgressão essa que é capaz de produzir uma quimera linguística, em uma mistura de diferentes aspectos culturais e socioeconômicos que rompe fronteiras de comunicação entre diferentes povos.

Minhas reflexões sobre o *status* da língua inglesa, me levam a figura de uma entidade ambígua, pois, o inglês é uma língua que tem em seu “DNA”, traços herdados do colonialismo e imperialismo britânico, como apresentado por Rubdy (2015, p. 42, tradução minha)¹⁹:

Isto é particularmente verdadeiro para o inglês e o poder que ele exerce hoje, derivado de sua ligação com o colonialismo e o imperialismo britânico, e fortalecido mais recentemente por sua estreita interligação com o corporativismo mundial, incorporada pelo processo de globalização. Este último, abrange, também, a dramática monopolização do inglês da educação, tecnologia, cultura, mídia de massa, valores de consumo e estilos de vida em muitas partes do mundo contemporâneo.

Como resultado deste colonialismo, o inglês torna-se uma língua ciborgue, com “peças” de diversos cantos do planeta, pois, assim como somos o resultado de nossas intra-ações e emaranhamentos²⁰ (Barad, 2007), ou do agenciamento (Deleuze e Guattari (2005 [1980])), a língua também herda os traços das dimensões culturais, espaciais e corporais (Pennycook, 2020) de seus falantes. E assim, consegue dar “acesso ao poder de significar” (Haraway, 2016 [1985], p. 55, tradução minha)²¹ a sujeitos subalternizados (Kumaravadivelu, 2016). Ainda assim, é preciso levar em consideração que o inglês está “longe de ser uma solução para o dismantelo das relações de poder desiguais no mundo, o inglês é, na verdade, muitas vezes parte do problema” (Rubdy, 2015, p. 43, tradução minha)²².

5 ANÁLISE

O texto selecionado a partir do levantamento bibliográfico realizado na plataforma Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, foi a tese de doutorado, intitulada: *A posthumanist perspective on an English course at a private language school*, por Laryssa

¹⁹ “This is particularly true of English and the power it wields today, derived from its link with British colonialism and imperialism, and strengthened more recently by its close interlocking with the corporatization of the world as embodied by the processes of globalization. The latter encompasses also English’s dramatic monopolization of education, technology, culture, mass media, consumer values and lifestyles in many parts of the contemporary world”. (Rubdy, 2015, p. 42).

²⁰ “Barad (2007, p. ix) argumenta que: “Estar emaranhado não significa apenas estar conectado a outro, como na junção de entidades distintas, mas sim não possuir uma existência independente e isolada. A existência não é um empreendimento individual.” (Sousa, 2022, p. glossário, tradução minha).

²¹ “access to the power to signify”. (Haraway, 2016 [1985], p. 55).

²² “far from being a solution to the dismantling of the ‘unequal power’ relations in the world, English is in fact often part of the problem”. (Rubdy, 2015, p. 43).

Paulino de Queiroz Sousa (2022), do programa de pós-graduação em Letras e Linguística, da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da profa. Dra. Rosane Rocha Pessoa. A tese de doutorado em questão, tem como foco a análise de uma experiência de ensino da língua inglesa a partir de uma visão pós-humanista. A pesquisa foi realizada em 2019, com um grupo de seis alunos, em uma escola particular de idiomas, situada em Goiânia, Goiás, Brasil. Além de conduzir a pesquisa, Sousa (2022) foi a professora do grupo. Em uma investigação fundamentada nos princípios do pós-humanismo e alinhada à linguística aplicada crítica, a tese busca desconstruir noções sobre o que significa ser humano e ressignificá-las, questionando também o que é língua/linguagem e suas implicações, bem como problematizar as relações entre entidades humanas e não humanas. Nesse contexto, Sousa (2022) traz a ideia de que a materialidade e o discurso são interligados em práticas material-discursivas²³. O trabalho parte de perspectivas pós-qualitativas²⁴ e pós-fundacionais²⁵, definindo-se como uma investigação inserida no campo do pós-humanismo. A análise proposta neste artigo, concentra-se no capítulo 3 da tese selecionada, intitulado como *Material-discursive ideologies of language and language education*, e no subcapítulo 3.1 *Language and language learning ideologies: some reflections*.

Neste capítulo, Sousa (2022) “trabalha com a concepção de ideologias linguísticas como fenômenos materiais-discursivos” (Sousa, 2022, p. 164, tradução minha)²⁶, propondo “desenvolver uma compreensão da linguagem como prática sociomaterial” (Sousa, 2022, p. 164, tradução minha)²⁷ e demonstra “interesse em discussões voltadas às ontologias do inglês (CANAGARAJAH, 2020a; PENNYCOOK, 2020b)” (Sousa, 2022, p. 165, tradução minha)²⁸. A autora também apresenta as respostas de seus alunos, que participaram da investigação, sobre o questionamento de “como eles compreendiam o inglês e como viam seu relacionamento com esse idioma” (Sousa, 2022, p. 165, tradução minha)²⁹. Alguns alunos

²³ “Práticas material-discursivas: este conceito se refere ao emaranhamento de matéria e discurso. Este último não diz respeito a uma noção antropocêntrica de discurso, mas a como uma “parte do mundo se torna diferencialmente inteligível para outra parte do mundo” (BARAD, 2007, p. 140).” (Sousa, 2022, p. glossário, tradução minha).

²⁴ Termo originalmente utilizado por St. Pierre (2014): “A investigação pós-qualitativa oferece uma crítica à metodologia qualitativa humanista convencional e marca uma mudança em direção à investigação pós-estrutural e pós-humana.” (St. Pierre, 2014, p. 1, tradução minha).

²⁵ “Marchart (2007, p. 2) argumenta que o pós-fundacionalismo pode ser visto como uma contínua análise crítica de conceitos de um fundamento absoluto, como totalidade, universalidade, essência e base. Ele também menciona que essa abordagem pode ser caracterizada como uma “ruptura” do fundacionalismo.” (Sousa, 2022, p. 35, tradução minha).

²⁶ “I work with the conception of language ideologies as material-discursive phenomena”. (Sousa, 2022, p. 164).

²⁷ “I propose and seek to develop an understanding of language as sociomaterial practice”. (Sousa, 2022, p. 164).

²⁸ “I have also been interested in discussions centered on ontologies of English (CANAGARAJAH, 2020a; PENNYCOOK, 2020b)” (Sousa, 2022, p. 165).

²⁹ “I asked some questions to help me see how the students understood English as well as how they regarded their relationship with this language”. (Sousa, 2022, p. 165).

responderam que amam o inglês; outros apresentam em suas respostas uma necessidade de aprender a língua inglesa para ter uma melhor conexão com meios de entretenimento como: filmes, séries, jornais, vídeos e livros, além de possíveis viagens para o exterior; outros mencionam vantagens de aprender inglês para a vida profissional e para se conectar com o mundo.

Sousa (2022, p. 166, tradução minha)³⁰ menciona que “em aspectos culturais, nas últimas décadas, o inglês dominou o entretenimento de mídia”, o que certamente justifica algumas das respostas de seus alunos. E com isso argumenta sobre a importância dada, no ocidente, para sentidos como a visão e a audição e que “práticas semióticas baseadas em imagem e áudio são aquelas que constroem predominantemente a maneira como vemos e interagimos com o mundo” (Sousa, 2022, p. 166, tradução minha)³¹. Além de salientar que “a linguagem visual, assim como as habilidades auditivas, são elementos aprendidos – ou seja, somos ensinados social e culturalmente a ver e ouvir coisas e a agir de determinadas maneiras em vez de outras (MONTE MOR, 2021)” (Sousa, 2022, p. 166, tradução minha)³². Assim, as respostas dos alunos sobre como compreendiam o inglês e sua relação com a língua é o retrato de suas intra-ações (Barad, 2007) com os elementos visuais e auditivos que os circundam. O que não exclui a existência de características coloniais em seus discursos.

Para reforçar sua argumentação, Sousa (2022) diz que vê “todas as mídias como extensões de nossos próprios corpos e sentidos (McLuhan, 2013 [1964], p. 153 *apud* Sousa, 2022, p. 166, tradução minha)³³. Ao falar sobre as noções de língua, em especial da língua inglesa, Sousa (2022) diz que “os emaranhados do inglês combinam-se em múltiplos níveis por meio de múltiplos domínios materiais e semióticos (PENNYCOOK, 2020c, p. 230)” (Sousa, 2022, p. 167, tradução minha)³⁴. Vejo nessas citações e argumentos, sobre como entidades humanas e não-humanas estão entrelaçadas a partir de suas intra-ações (Barad, 2007), como evidências da ciborguização (Leffa, 2022) que discuto neste artigo.

Outro ponto abordado por Sousa (2022), é que os alunos “acreditam que o inglês pode auxiliá-los em sua ascensão social, levando-os a lugares que seriam incapazes de estar

³⁰ “In cultural aspects, over the past decades, English has dominated media entertainment”. (Sousa, 2022, p. 166).

³¹ “Semiotic practices are those that predominantly construct the way we see and intra-act with the world”. (Sousa, 2022, p. 166).

³² “It is important to bear in mind that visual language, as well as auditory skills, are elements that are learned – that is, we are socially and culturally taught to see and hear things and act in certain ways rather than others (MONTE MOR, 2021)” (Sousa, 2022, p. 166).

³³ “all media [as] extensions of our own bodies and senses” (McLuhan, 2013 [1964], p. 153 *apud* Sousa, 2022, p. 166).

³⁴ “the entanglements of English combine at multiple levels across multiple material and semiotic domains (PENNYCOOK, 2020c, p. 230)” (Sousa, 2022, p. 167).

ou ir se não fosse por essa língua. (MENEZES DE SOUZA, 2019b; SILVA, 2016)". (Sousa, 2022, p. 167, tradução minha)³⁵. Eu acrescento que, possivelmente esse seja um dos principais motivos a levar milhares de pessoas, todos os dias, a procurarem escolas de idiomas e professores de inglês. Mesmo já desconstruído, o “sonho americano” segue colonizando estrangeiros e fazendo o inglês ser visto como uma necessidade.

Uma das alunas responde o questionamento dizendo que aprender inglês possibilita conectar-se com o mundo. Sousa (2022) afirma que em sua declaração, há uma suposição de que “o mundo fala inglês”, e então questiona, “Qual mundo?” (Sousa, 2022, p. 167). Sinto-me inclinado a responder que o ambiente digital - internet -, pode ser esse mundo onde o inglês é predominante e demanda uma “conexão”. Embora nem todos os usuários do meio digital falem inglês, ainda é o idioma mais utilizado nas plataformas³⁶. Apesar do conteúdo acessado nas redes sofrer os efeitos da força algorítmica com seu potencial de criar diversas bolhas, de usuários vinculados a diferentes tipos de conteúdo, o mundo digital é o “mundo” que fala inglês. Seja nas plataformas de vídeo, nas redes sociais, nas plataformas de pesquisa etc., o inglês inunda o meio digital e à medida que nossas intra-ações (Barad, 2007) com este meio aumentam, nossas intra-ações com a língua inglesa, voluntariamente ou não, também crescem.

Outra perspectiva trazida por alguns alunos, na investigação, é de que eles “amam o inglês” e que para eles, aprender inglês “é um sonho”. A partir dessa associação da língua inglesa com as palavras “amor” e “sonho”, Sousa (2022) questiona, em sua tese, os possíveis motivos para essa escolha de palavras, para se referir ao inglês. Com isso, Sousa (2022) apresenta a perspectiva de que são necessárias “compreensões detalhadas e próximas das maneiras como o inglês está inserido nas economias locais de desejo, e como a demanda por inglês faz parte de um quadro maior de imagens de mudança, modernização, acesso e anseio”. (Pennycook, 2021, p. 74 *apud* Sousa, 2022, p. 168, tradução minha)³⁷; de que a língua inglesa “está entrelaçado nas economias locais, com todas as inclusões, exclusões e desigualdades que isso pode implicar, e está vinculada às mudanças nos modos de comunicação, especialmente Facebook, Twitter e outras formas de mídias sociais”.

³⁵ “The learners believe that English can assist them in their upward social mobility, getting them places they would not be able to be or go if it were not for this language” (MENEZES DE SOUZA, 2019b; SILVA, 2016)". (Sousa, 2022, p. 167).

³⁶ [Usage Statistics and Market Share of Content Languages for Websites. August 2024; What are the most used languages on the Internet? | Internet Society Foundation.](#)

³⁷ “close and detailed understandings of the ways in which English is embedded in local economies of desire, and the ways in which demand for English is part of a larger picture of images of change, modernization, access, and longing.” (Pennycook, 2021, p. 74 *apud* Sousa, 2022, p. 168)

(Pennycook, 2021, p. 74 *apud* Sousa, 2022, p. 169, tradução minha)³⁸; que o mesmo também “está cada vez mais entrincheirado nos sistemas educacionais, revisitando muitas preocupações sobre conhecimento, pedagogia e currículo” fazendo-se necessário “entender a diversidade do que o inglês é e o que significa em todos esses contextos”. (Pennycook, 2021, p. 74, *apud* Sousa, 2022, p. 169, tradução minha)³⁹.

A partir deste pensamento, Sousa (2022) faz uma conexão entre as noções de “sonhos” e “desejos”, ressaltando que os “desejos não são uma questão individual, mas o que o agenciamento⁴⁰ determina que sejam”. (Deleuze e Guattari, 2005 [1980], p. 229 *apud* Sousa, 2022, p. 169, tradução minha)⁴¹. Ou seja, seus desejos são o resultado do emaranhado de intra-ações (Barad, 2007) que eles têm com o mundo. Logo, por desenvolverem a noção de que falantes de inglês conseguem acessar espaços específicos e interagir com eles, associam o aprendizado da língua inglesa com uma suposta aquisição de poder. Poder para realizar seus sonhos.

Além das questões tratadas aqui, Sousa (2022) segue o desenvolvimento dos achados de sua investigação, mas com foco voltado para as práticas em sala de aula, o que não é o objetivo deste artigo. Portanto, encerro aqui minha análise do capítulo de sua tese.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as leituras realizadas para esse artigo, me deparei com conceitos que tratam a investigação pós-humanista como um fenômeno que não tem “início ou fim, mas que está sempre no meio, tornando-se” (Sousa, 2022, p. 239). Encerro essa pesquisa com um grande sentimento de ainda estar neste processo de “tornar-me” no campo da pesquisa acadêmica. Contudo, volto ao tema deste artigo, que tem como foco apresentar reflexões sobre o *status* do inglês numa era ciborguiana, a partir de perspectivas pós-humanistas e da linguística

³⁸“It is tied to the languages, cultures, styles, and aesthetics of popular culture, with its particular attractions for youth, rebellion, and conformity; it is enmeshed within local economies, and all the inclusions, exclusions, and inequalities this may entail; it is bound up with changing modes of communication, particularly Facebook, Twitter, and other forms of social media”. (Pennycook, 2021, p. 74 *apud* Sousa, 2022, p. 169)

³⁹“it is increasingly entrenched in educational systems, bringing to the fore many concerns about knowledge, pedagogy, and the curriculum. We need to understand the diversity of what English is and what it means in all these contexts”. (Pennycook, 2021, p. 74, *apud* Sousa, 2022, p. 169)

⁴⁰“Conforme Deleuze e Guattari (2005 [1980], p. 8), “um agenciamento é justamente esse aumento nas dimensões de uma multiplicidade que muda de natureza conforme amplia suas conexões”. “Consiste em uma multiplicidade aberta e expansiva de elementos. Assim, ao se ligar a outros seres e elementos, sofre reorganizações e transformações.” (Sousa, 2022, p. glossário, tradução minha)

⁴¹

aplicada. Acredito que as reflexões feitas a partir destes campos de estudo colaboram como um ponto de partida para aqueles interessados em se aprofundar sobre a temática.

A partir do tema proposto, considero que os objetivos traçados foram cumpridos, a saber, considerando a linguística aplicada e os estudos de pós-humanismo, analisar o *status* do inglês como língua franca na era ciborguiana; relacionar o pós-humanismo com a linguística aplicada; identificar a contemporaneidade como era ciborguiana; averiguar se o *status* de língua franca e o seu domínio no âmbito digital pode caracterizar o inglês como língua ciborguiana.

Por meio da pesquisa bibliográfica e da análise da tese selecionada, pude observar que há poucas pesquisas voltadas para a relação da língua inglesa com o pós-humanismo, no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. A partir das referências obtidas na tese selecionada, pude perceber que grande parte dos textos que relacionam essas áreas, são em inglês e de autores não brasileiros. Portanto, este é um campo de estudo que ainda pode ser muito explorado pela linguística aplicada, feita no Brasil, partindo do pressuposto de que somos um país que faz parte do *expanding circle*, tendo a língua inglesa como uma língua estrangeira, e sofreremos os impactos coloniais resultantes do domínio do inglês nos ambientes digitais, no entretenimento, na educação e no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

BARAD, Karen. **Meeting the universe halfway**: quantum physics and the entanglement of matter and meaning. Durham: Duke University Press, 2007.

CRYSTAL, David. **English as a global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **A thousand plateaus**: capitalism and schizophrenia. Trans. Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005 [1980].

FERRANDO, Francesca. Posthumans. **1. What does "POSTHUMAN" mean? Dr. Ferrando (NYU) - Course "The Posthuman" Lesson n. 1**. 7 dez. 2017. (7 min). YouTube: Posthumans. Disponível em:

 **1. What does "POSTHUMAN" mean? Dr. Ferrando (NYU) - Course "The Posthuman"...**
Acesso em: 12 abr. 2024.

GÓMEZ, A. I. Perez. **Educação na Era Digital**: a escola educativa. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015. 192 p.

HAMEL, Rainer Enrique. The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science. **AILA Review**, 2007, 21p.

HARAWAY, Donna J. A cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century. In: HARAWAY, Donna. J.; WOLFE, Cary. **Manifestly Haraway**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016 [1985]. p. 3-90.

JENKINS, Jennifer. English as a Lingua Franca: interpretations and attitudes. **World Englishes**, Vol. 28, No. 2, p. 200–207, 2009.

JORDÃO, Clarissa Menezes. Applied linguistics “made in Brasil”: A guessing game. In: SILVEIRA, Rosane; GONÇALVES, Alison. **Applied Linguistics Questions and Answers: Essential Readings for Teacher Educators**. Florianópolis: UFSC, 2021. p. 13-23.

KACHRU, Braj B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the Outer Circle. In: QUIRK, Randolph; WIDDOWSON, Henry G. (eds.). **English in the World: Teaching and Learning the Language and Literatures**. Cambridge: Cambridge University Press. 1985. p. 11-30.

KUMARAVADIVELU, B. The Decolonial Option in English Teaching: Can the Subaltern Act? **TESOL Quarterly**, Vol. 50, No. 1, 2016, p. 66-85.

LEFFA, V. J. **O que é Humanismo**. 5 ago. 2022. (9 min). YouTube: ELA: Epifanias em Linguística Aplicada, Disponível em: [O que é Humanismo](#) Acesso em 13 abr. 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PENNYCOOK, Alastair. Critical and Posthumanist Applied Linguistics. In: ZACCHI, Vanderlei J.; ROCHA, Cláudia Hilsdorf (Orgs.). **Diversidade e Tecnologias no Ensino de Línguas**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda, 2020. p. 179-196.

RUBDY, Rani. Unequal Englishes, the native speaker, and decolonization in TESOL. In: TUPAS, Ruanni (ed.). **Unequal Englishes: the politics of Englishes today**. Palgrave: Macmillan, 2015. p. 42-58.

SANTAELLA, Lucia. Pós-humano - por quê? **REVISTA USP**, São Paulo, n. 74, p. 126-137, junho/agosto 2007.

SCHMITZ, John Robert. On the native/nonnative speaker notion and World Englishes: Debating with K. Rajagopalan. **D.E.L.T.A.**, 32.3, 2016 (597-611).

SOUSA, Laryssa Paulino de Queiroz. **A posthumanist perspective on an English course at a private language school**. 2022. 294 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

ST. PIERRE, Elizabeth A. **Postqualitative inquiry**. Keynote lecture at the Australian Association of Research in Education. New Zealand Association for Research in Education Brisbane, 2 Dec. 2014. p. 1-31. Disponível em: [Post Qualitative Inquiry](#) Acesso em: 31 jul. 2024.

TAKAKI, Nara Hiroko. Thought-Provoking Contamination: Applied Linguistics, Literacies, and Posthumanism. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 261-284, 2016.